

Ordem mundial – anomalia unipolar

Em entrevista a Megyn Kelly, em 30 de janeiro de 2025, o Secretário de Estado Marco Rubio declarou que a unipolaridade dos EUA, consolidada após a Guerra Fria, foi uma "anomalia histórica" e chegou ao fim.

"Não é normal que o mundo tenha apenas uma potência unipolar. Isso foi um produto do fim da Guerra Fria mas, eventualmente, você ia acabar chegando a um mundo com várias grandes potências", afirmou. Rubio criticou a postura dos EUA como "policial mundial", sugerindo que a hegemonia enfraqueceu o sistema de balanço de poder de Estados soberanos, substituindo-o por um globalismo insustentável e muito custoso para os EUA.

"Éramos a única potência e assumimos a responsabilidade de sermos uma espécie de governo global, tentando resolver todos os problemas", disse, indicando a necessidade de ajuste às realidades da balanço de poder emergente com China e Rússia.

A teoria da expansão e declínio de civilizações de Carroll Quigley, exposta em *The Evolution of Civilizations* (1961) e *Tragedy and Hope* (1966), nos ajuda a compreender como esse processo de expansão da influência americana poderia colaborar para seu declínio. Quigley diz que civilizações têm ciclos: surgem de desafios, expandem-se com instrumentos sociais eficazes (como poder militar ou econômico), mas enfrentam crises quando esses instrumentos se institucionalizam, gerando contradições internas - desigualdade, militarização excessiva, erosão da coesão. Na fase imperial, essas tensões, se não resolvidas, levam à fragmentação e à ascensão de novos polos.

Rubio, ao propor um recuo estratégico da unipolaridade, parece alinhar-se a essa lógica, buscando preservar os EUA ao enfrentar suas contradições internas - dívida insustentável, polarização política, custos da hegemonia - antes que o sistema colapse sob pressões externas de rivais como Pequim ou Moscou.

- Como bem sabemos, a expansão da influência norte-americana não tem nada de americana; foi arquitetada pelo CFR (Council of Foreign Relations) e executada por Woodrow Wilson e outros presidentes comprometidos com a criação de um governo mundial.

A instrumentalização contínua do aparato estatal dos EUA provavelmente levaria ao seu colapso, fazendo com que suas instituições, seu povo e sua economia fossem dissolvidos em uma massa amorfa e irreconhecível - uma sociedade aberta.

- Marco Rubio reconhece o colapso da hegemonia dos EUA e critica o papel do país como "policial mundial", defendendo um ajuste à nova realidade multipolar com China e Rússia.
- Os EUA não tem interesse de arriscar o colapso de seu país por projetar seu poder sobre o mundo todo.
- A ideia de um mundo multipolar ainda é incerta e, embora a ordem westfaliana seja uma referência, o cenário global atual é muito mais complexo e imprevisível.



O plano dos globalistas para os EUA era instrumentalizá-lo para a promoção da sua ordem internacionalista, absorvendo-o após o seu colapso.

Parece que estamos presenciando um esforço para retornar ao antigo sistema de balança de poder, raiz da ordem westfaliana desde 1648, baseada no equilíbrio entre Estados soberanos e na "segurança indivisível", onde a estabilidade depende de gerenciar a competição via diplomacia. A unipolaridade, celebrada no pós-Guerra Fria como uma primazia benigna, rejeitou isso, apostando na dominação militar – como a expansão da OTAN –, substituindo negociações diplomáticas por tentativas de aniquilação e um sistema de relações internacionais.

Rubio reconhece o fracasso dessa estratégia, notando, por exemplo, que "temos que ser realistas sobre o fato de que a Ucrânia perdeu", sugerindo um retorno à diplomacia.

O sistema westfaliano foi acordado entre Estados europeus, em um mundo de capa e espada. No mundo de hoje, a tecnologia, a integração e a quantidade de atores capazes de desestabilizar países criam uma dinâmica muito mais complexa do que a do Tratado de Westfália.

Os tratados de Westfália são irrepetíveis, clássicos diplomáticos e uma fonte universal para o conhecimento humano sobre a dinâmica política. Mas não estamos simplesmente retornando ao sistema de balança de poder; não vamos acordar magicamente em um mundo onde todos os países gozem de soberania e estabilidade.

Estamos entrando em um período de reconfiguração do sistema político internacional, onde está sendo desenhado um sistema de contrapesos entre potências regionais, mas essa configuração ainda é um esboço não consolidado.

É preciso admitir que não estamos entrando em um período de status e sistemas predefinidos; estamos navegando em direção ao desconhecido.

